

A italianidade como recurso cosmopolita

■ GIOVANNI BECHELLONI *

RESUMO

Este artigo trata do conceito de italianidade, tanto do ponto de vista da fenomenologia como do ponto de vista da teoria. Procurarei tratar desse assunto de modo a demonstrar seu potencial heurístico ou educativo para: (a) pesquisar a comunicação intercultural e internacional; (b) construir políticas educativas que tendam para a formação de um novo cosmopolitismo responsável e inclusivo; e (c) desenvolver uma consideração mais ampla e mais prolongada dos temas da guerra e da paz¹.

Palavras-chave: italianidade, sociologia da comunicação, interação cultural.

ABSTRACT

This article discusses the concept of Italianity, from phenomenology point and from the theory point. I am trying to deal with this subject so as to demonstrate its heuristic or educative potential to: (a) research the international and intercultural communication; (b) construct educational politics that lean to the formation of a new, responsible and inclusive cosmopolitanism; and (c) develop a wider and longer appreciation of war and peace subjects.

Key words: Italianity, sociology of communication, cultural interaction.

* Professor na Universidade de Firenze.

Traduzido do inglês por ELAINE PEPE.

1. Ver também um de meus textos em inglês, que será publicado em breve: *Italicity as a New Way of Looking at the World: The Making of an Enlarged Europe as a Step to a New and Just World Order*.

D

A italianidade como recurso cosmopolita

NOVE DÉCIMOS DOS costumes que deram ao mundo moderno uma consciência de si mesmo e que contribuíram para a sua grandeza originaram-se na Itália... Deve haver algo de agradável e natural em uma civilização que resiste, se espalha e atrai sem organização, sem um plano teórico, sem recorrer à força... É difícil definir precisamente a atmosfera alegre, leve e animada que constitui a vida italiana; uma mistura de ceticismo, bom humor e um espírito de viver e deixar viver que não exclui a profundidade de pensamento, o ceticismo audacioso e certa paixão que é ao mesmo tempo sensual e romântica, repleta de entendimento da natureza humana, tolerante de vícios e virtudes...

A maior, a mais duradoura e universal criação da Itália não foi o Renascimento, mas a Igreja Católica... a resposta que o mundo deu ao Evangelho...

Do ponto de vista da nação, o impressionante sucesso cosmopolita da Itália tem sido... um desastre...

Hoje, a Itália é famosa em todo o mundo por seu estilo de vida sedutor, que não é codificado em nenhum livro...

A Itália universal – a que mais importa – continua ocupando nossa mente e causando preocupação por causa de certos italianos que são ótimos para sair de situações embaraçosas e resolver as situações dolorosas e difíceis nas quais seus líderes os colocam...

Por sua vez, o enigma da história italiana consiste no fato aparentemente incrível de que, apesar das forças que conspiram contra a unidade política, o país permanece italiano.

O que admira é o triunfo da civilização italiana sobre a divergência de interesses, desejos, raças, língua, cultura e populações... (Prezzolini 1948, 2003, *passim*).

ITALIANIDADE: DE ONDE VEM E POR QUÊ

Há os justos e os santos. Na Itália, nunca tivemos os justos, já que não sabemos nada de disciplina, restrições ou autocontrole. Somente podemos ser salvos pelos santos, do sexo masculino ou feminino, que espalham flores e sorrisos em torno de si e prolongam a vida agradável que aprendemos a ter na terra, elevando-a ao paraíso, abrindo-a ao amor pelo nosso próximo e ao pensamento de Deus. São Francisco de Assis ou Santa Catarina de Siena jamais poderiam ter sido franceses. Tipicamente italianos, eles refletem a suavidade do clima de sua província, o temperamento nacional afável e a leveza que é gerada pelo conforto de estar no mundo e pela natureza descontraída das relações sociais (Fernandez, 1991:33).

É muito provável que a maioria de vocês, ou melhor, todos vocês que estejam lendo este artigo, nunca tenham se deparado com a palavra «italianidade».

Bem, vocês estão exatamente na mesma situação em que me vi quando encontrei essa palavra pela primeira vez. Isso aconteceu antes de minha terceira e mais longa visita ao Brasil, em busca de pessoas de origem italiana (agosto-setembro de 2003), e depois de ter publicado a segunda edição de *Svolta comunicativa* (dezembro de 2002) e *Diventare italiani* (março de 2003). Esse segundo livro, com o subtítulo *Coltivare e comunicare la memoria collettiva*, continha duas introduções: uma à primeira edição (2001), *Diventare italiani moderni*, e uma à segunda, *Diventare italiani cosmopolitani*.

Eu me deparei com a palavra «italianidade» em um artigo de Piero Bassetti (*Italicity: Global and Social*, Washington 2002) que mencionava uma entrevista de 2001 em forma de livro: *Globali e locali! Timori e speranze della seconda modernità* (Bassetti 2001; Bassetti & Janni 2004). Logo em seguida, foi publicada a segunda edição de uma apaixonada miscelânea chamada *Equivoci giochi*. O estilo cognitivo de um mestre das palavras era acompanhado por duas introduções, significativamente intituladas *Il gioco degli equivoci* (2001) e *Fantasmî, paure, speranze* (2003). Este último livro apresentava-se como uma parte integrante (juntamente com as três outras partes, inclusive a primeira edição de 2003, do livro *Diventare cittadini del mondo*, que a havia precedido) de um quarteto florentino, em homenagem ao famoso *Quarteto de Alexandria* de Lawrence Durrell. O livro de Durrell despertou meu interesse e minha preocupação com as hibridizações da civilização humana (*humana civilitas*), provenientes dos encontros e conflitos que ocorreram no Mediterrâneo (e em outros lugares) em toda a história: entre o Oriente e o Ocidente, o Norte e o Sul, as grandes religiões da Antigüidade e as do mundo moderno. Esses encontros e conflitos também marcaram minha infância e adolescência.

O quarteto florentino consistia em quatro livros que eu então denominei de «livros que fazem época» porque continham as páginas que eu havia escrito nos meses e anos que marcaram a entrada no terceiro milênio, e algumas das páginas que eu havia escrito nos cinco anos anteriores. As páginas mais recentes eram mais apropriadas, em minha opinião, à mudança de época que estava em fase de preparação e na iminência de se desdobrar. Essa mudança, que determinou uma época, parecia-me estar evidente nos fatos e processos que ajudaram a delinear o esboço daquele conflito de civilizações, revogado ou reprimido, que sem dúvida ocupava as reportagens dos jornais e as nossas mentes.

Além do mais, aqueles livros do quarteto também fizeram época em outro sentido, mais íntimo e pessoal. Eles expressaram o meu desejo de ativar, por meio da escrita, o tipo de reflexão e raciocínio que poderia abrir a minha mente (e também a mente de meus 25 leitores) para uma capacidade diferente, mais profunda e holística, de hoje escrever sobre o nosso mundo conturbado. No

D

A italianidade como recurso cosmopolita

silêncio e na concentração que são adequados à leitura e à escrita, eu procurei recuperar a capacidade de comentar e contemplar as últimas (ou as primeiras) coisas sobre as quais havia lido nos livros de Elémire Zolla (1995, 1998, 2004) e que remontavam aos longínquos anos da minha infância e adolescência, quando tomei contato com a literatura e a filosofia, a fé católica e sua liturgia, as tradições culturais transmitidas por meio do ritmo suave de palavras e gestos, os rituais e os mitos que passam despercebidos de geração em geração conforme a vida vai fluindo. Longe do barulho e das discordâncias das salas de aula (da escola e da universidade) e das praças da cidade (das discordâncias reais da mídia e das multidões inquietas, igualmente reais, como nos ensina a sociologia, de Tomás de Aquino em diante; e não apenas isso, se lembrarmos Platão, mas também as filosofias da Índia, da China e do Japão).

Assim acabei me deparando com as reflexões de Piero Bassetti, relativas à «italianidade» como uma realidade e um conceito global, em um período transitório de mudança que me parecia ser pessoal e global, teórico e real. Ele me afetou enquanto eu estava esboçando uma nova teoria da comunicação que tinha raízes na longa história da Itália: uma teoria capaz de se opor à mudança radical que o fim da Guerra Fria e o colapso do Comunismo Soviético estavam proclamando no novo mundo multifacetado (aparentemente globalizado) que estava surgindo no horizonte e que o 11 de setembro tornou visível.

ITALIANIDADE: O QUE É E O QUE NÃO É

A Italianidade não é italo-cêntrica... Para defini-la da melhor maneira possível... deve-se encará-la como uma manifestação que é global (o conjunto das comunidades italianas no âmbito global) e, ao mesmo tempo, local (as inúmeras ramificações ou subconjuntos de italianos itálicos, italianos suíços, italianos da Dalmácia, ítalo-americanos, ítalo-argentinos etc., aos quais devem acrescentar-se todos os que apreciam o modo de vida italiano, um estilo de vida e uma cultura muito típicos e fáceis de se reconhecer). A italianidade está presente em todo o mundo e ligada por fortes correntes compartilhadas. Os itálicos se identificam, pelo seu modo de ser itálico, com uma cultura, economia, divertimentos, moda e cozinha de origem itálica... (Bassetti, 2005).

Outro modo possível de se internacionalizar a história italiana é formular uma história 'transnacional' da própria diáspora, na qual a Itália e a vida italiana permanecem no centro de uma rede mundial. De acordo com essa abordagem, a história italiana poderia ser interpretada como sendo sempre responsiva e, ao mesmo tempo, uma importante influência na evolução das comunidades italianas no mundo (Gabaccia, 1997).

Devemos então tentar ultrapassar, não apenas as barreiras geográficas e culturais, mas também as cronológicas que caracterizam a disciplina [história das relações internacionais], dado que é difícil imaginar uma abordagem transnacional à história que não seja de longo prazo, que não relacione a história moderna e a contemporânea e que, portanto, não teste severamente as especializações de cada um de nós (Romaro, 2005: 79).

As migrações da Itália ocorreram muito antes da existência de um povo italiano ou de um Estado nacional italiano... Portanto, a terra-mãe que os migrantes glorificaram e transformaram em lenda nunca foi uma terra-mãe nacional... Os migrantes criaram uma lenda a partir de uma terra nativa que era uma simples aldeia ou uma pequena localidade. Tendo isso claro em mente, eu escrevi muitas vezes, aqui e ali, migrantes da Itália ao invés de migrantes italianos (Gabaccia, 2005: 155)

Eu não sei se a palavra italianidade foi inventada por Piero Bassetti. Mas certamente podemos atribuir a ele, em sua atividade de promotor e inspirador de *Globus et Locus*, a iniciativa de ter colocado essa palavra em circulação (em italiano e também em inglês), ter-se tornado seu teórico e ter enriquecido seu significado, introduzindo-a no debate italiano e internacional que estava ocorrendo em vários centros (Washington, Milão, Vilna e em outros lugares). Este seu escritor também foi convidado a contribuir com o debate.

Quando eu estava me preparando para minha já mencionada terceira visita ao Brasil para buscar rastros, pistas e testemunhos, tanto da híbrida identidade brasileira como da contribuição que a emigração maciça de italianos fez para essa identidade (calcula-se que há aproximadamente 25 milhões de brasileiros de origem italiana, a maioria deles – mas não todos – concentrada no estado e na cidade de São Paulo, o coração pulsante da economia moderna do Brasil), acabei lendo muito a respeito da emigração italiana no mundo e encontrei com trabalhos de outros escritores importantes. Registro aqui alguns dos trechos que li porque eles foram significativos para mim na ligação do novo assunto de pesquisa com um plano temático e metodológico que eu havia tentado construir com os quatro livros que fizeram época. Os trechos também me ajudaram a enfocar melhor minha sensibilidade e imaginação durante a estadia no Brasil; a definir e melhor compreender o propósito de minha pesquisa; e a obter um foco mais claro do conceito de italianidade, a enriquecer seu conteúdo e a conceitualizá-lo. Vou tentar explicar isso nas páginas seguintes.

Em particular, eu me familiarizei mais com o trabalho do sociólogo Gilberto Freyre, considerado como o «Tocqueville» do Brasil (2001), e de outros sociólogos ou antropólogos como Da Matta (1985) ou Ribeiro (2004), que

D

A italianidade como recurso cosmopolita

descreveram o Brasil como uma «Roma tropical». Li com muita atenção três livros de importantes autores que já conhecia e que me ajudaram a fazer uma primeira tentativa de aplicar uma abordagem comunicativa a uma história de longo prazo: Tzvetan Todorov (1992), René Girard (2003) e Ernst Nolte (2003). Dentre os livros a respeito da emigração italiana, os que mais me interessaram, além das obras que eu já conhecia e que se originaram do projeto realizado durante vários anos pela Fundação Agnelli (ver o instigante livro editado por Maddalena Tirabassi, 2005) e além das obras de Emilio Franzina (1995), encontram-se os livros de Donna R. Gabaccia (2003) e Ludovico Incisa di Camerana (2003).

Minha terceira visita ao Brasil foi muito importante para dar ímpeto à mudança de direção com a qual eu havia me comprometido há algum tempo; dessa visita, surgiu uma segunda miscelânea, escrita parte no Brasil e parte em Roma nos meses seguintes: *Il Silenzio e il Rumore: Destino e fortuna degli italici nel mondo* (2004). É nesse livro que a idéia de italianidade toma forma e começa a ser um conceito, uma fonte que se abre para novos avanços.

Os quatro livros do quarteto florentino e o quinto livro sobre o som e o silêncio foram todos testados por meio do ensino e da pesquisa de alunos (dos cursos de Sociologia de Processos Culturais que eu ofereço na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Florença e de Sociologia da Comunicação na Faculdade de Sociologia em Roma-La Sapienza). Eles também foram testados por outros alunos (em uma dissertação de conclusão de curso, na especialização e no doutorado que estou supervisionando em Florença, assim como no curso de mestrado em Comunicação e Mídia-Comundus e no doutorado em Sociologia da Comunicação).

Fiz uma quarta visita ao Brasil (outubro-novembro de 2004) e, ao voltar, a leitura intensiva de natureza filosófica, sociológica e política ajudou-me a fortalecer essa estratégia comunicativa para a história de longo prazo das civilizações humanas e da civilização que hoje se afirmam no centro de meus interesses de pesquisa – e que agora devem passar pelo teste da escrita.

Eu relembrei, nestes trechos longos e alusivos, o plano geral de meu atual trabalho de pesquisa, porque agora será mais fácil para mim (e, espero, mais claro para meus leitores) discutir o conceito de italianidade.

Nosso ponto de partida, portanto, é a obra de Piero Bassetti, que criou a idéia de italianidade, não apenas a partir de seus interesses e leituras como acadêmico e pesquisador, mas também de sua longa experiência de vida e de trabalho como intelectual católico, descendente de uma famosa dinastia de empreendedores italianos, engajado na política (ele foi o primeiro presidente da região da Lombardia) e na gestão de importantes instituições empreendedoras:

ele foi Presidente da Câmara de Comércio de Milão, da União das Câmaras de Comércio Italianas e da União das Câmaras de Comércio Italianas no mundo. E, como eu mesmo pude verificar no Brasil e em outros lugares, foi precisamente neste último papel que ele elaborou suas idéias a respeito das múltiplas virtudes dos italianos e dos itálicos que são ativos em tantos lugares e desempenham tantos papéis, impelidos por seus empreendimentos e por outras qualidades e atributos culturais que derivam do legado de milhares de anos de civilização itálica. Qualidades e atributos que são, por assim dizer, contagiosos, por serem adquiridos, no todo ou em parte, por outras pessoas em todo o mundo que não são etnicamente italianas, nem descendem de italianos.

Daí vem a idéia de que a palavra «itálico», originada na Roma Antiga, pode e deve ser utilizada para identificar três tipos diferentes de indivíduos: (a) os verdadeiros italianos, aqueles que vivem na Itália ou no estrangeiro e que são italianos em todos os sentidos (inclusive no que diz respeito à lei); (b) pessoas de origem italiana, e, portanto, descendentes em linha materna ou paterna de italianos que, tendo adquirido a nacionalidade e a língua de outros países, ainda mantiveram, no todo ou em parte, a marca de suas características culturais originais; e (c) outras pessoas espalhadas em várias partes do mundo que, embora não tenham laços de parentesco com nenhuma das outras duas categorias, nem descendam delas, adotaram, no todo ou em parte, os traços culturais italianos. Estes variam da língua ao estilo de vida, a uma afeição profundamente enraizada por um ou outro aspecto da vida italiana (da ópera à culinária, de um estilo de se vestir ao dispêndio de férias ou estadias periódicas na Itália, da paixão pela arte, literatura ou história da Itália a um modo inteiramente italiano de relacionar-se com a fé Católica Romana).

Os itálicos, portanto, são os três grupos dimensionáveis de homens e mulheres que se encontram vinculados de várias maneiras com coisas que estão presentes e vivas no mundo ainda hoje – assim como traços históricos e individuais visíveis, memória coletiva, práticas, rituais, estilos de vida, tradições que se mantiveram através da comunicação por várias gerações, novas invenções, tudo isso remontando de várias maneiras às origens da civilização italiana. Os itálicos são os criadores sociais da italianidade. Provavelmente, existem 350 milhões deles, espalhados nos cinco continentes.

A italianidade certamente tem algo a ver com o caráter italiano, mas não se confunde com ele porque não carrega conotações nacionalistas: ela não se identifica com o estado italiano ou com a nação italiana. Ela tem uma gama mais ampla, uma importância mais universal, porque tem raízes no mundo Antigo – acima de tudo, na civilização jurídica e humanista criada por Roma (Crifò 2005 e Magli 2005). Ela também teve suas raízes no cadinho da cultura,

D

A italianidade como recurso cosmopolita

da religião e dos povos que deram vida à grande civilização greco-romana na qual Roma, a Roma da virtude republicana e do império que levou à fundação de Constantinopla e ao nascimento da Igreja Católica, misturou-se com Atenas e Jerusalém (e com seus ancestrais asiáticos e africanos).

A italianidade certamente tem algo a ver com a Europa e com o Ocidente, mas não se identifica com nenhum dos dois. Isso porque ela está conectada ao impulso propulsor que as repúblicas e as cidades marítimas, as repúblicas e as cortes italianas foram capazes de dar, entre o ano 1000 e o século XVIII, aos numerosos italianos que cruzaram mares e fronteiras, carregando com eles para todas as partes um certo «algo» que pode ser rastreado até uma fonte cultural identificável. Esse «algo» foi infundido, não com o desejo de poder, mas sim com valores universais conectados ao conceito do indivíduo humano, valores de origem romana e católica, que transcenderam qualquer tipo de conotação étnica ou objetivo hegemônico. Como escreveu Giorgio Ruffolo em seu instigante livro (2004), os italianos transformaram ouro em beleza.

Assim também, o Renascimento, com todas as suas limitações, teve significados universais que foram imitados e adotados por outros povos e nações: significados universais que foram compartilhados por pensadores e políticos como Mazzini e Rosmini, Garibaldi e Papa Pio IX, Gioberti e Cavour, cuja estatura moral e intelectual transcende os acontecimentos da história italiana.

A italianidade, além do mais, tem algo a ver com a grande onda de migração que foi uma característica da demografia da Itália (mas que, de várias maneiras, foi além disso), desde o fim do século XIX até a década de 1960. Isso vem sendo documentado, com eficiência cada vez maior, pelos vários estudos sofisticados (teóricos e metodológicos) que estão sendo dedicados às características específicas da diáspora originada na Itália (ou itálica). Nenhum outro país europeu contribuiu, por um longo período histórico, para um movimento populacional de emigrantes ou de imigrantes, de tamanha magnitude (em comparação com os habitantes originais) e com tanta variedade de destinos – embora os principais destinos tenham sido a Europa e os assim chamados países centrais para a diáspora, tipicamente aqueles que foram definidos como componentes do Novo Mundo: Canadá, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Venezuela, Uruguai e Austrália. Esses movimentos, desde a fundação de Roma (a única das cidades Antigas que foi fundada com base na pluralidade de grupos étnicos), vêm gerando uma população multi-étnica na Itália, como está se tornando novamente evidente na atualidade.

A italianidade tem uma conexão com o mantra *made in Italy*, que encontra e encontrou, nessa italianidade, sua origem e *raison d'être*. Mas *made in Italy* tornou-se, por sua vez, um ativador da italianidade.

A italianidade também se deriva das novas migrações para a Itália nas últimas décadas. Assim, hoje podemos encontrar, na Itália, itálicos que são cidadãos italianos ou imigrantes ilegais ou semi-ilegais, mas que se precipitam da China, do Japão, da África ou da Europa Oriental. Isso não é mais nem menos do que aquilo que aconteceu na época da Roma republicana ou imperial, ou nas cidades e repúblicas da Itália medieval e renascentista.

Calcula-se que todos esses itálicos, que incluem os italianófilos e falantes de italiano (que não têm nacionalidade italiana, nem descendem de italianos emigrados das várias diásporas), e que estão espalhados por todo o mundo, chegam a aproximadamente 350 milhões de pessoas, como dissemos anteriormente.

Para concluir essa discussão, a italianidade origina-se coerentemente de uma pluralidade de fontes e é um produto típico da interação e da comunicação que estão sendo construídas por movimentos da população (os inúmeros grupos de migrantes que entram na Itália e dela saem) e por movimentações de bens e dinheiro, de idéias e obras da mente humana. Isso, visto da minha perspectiva de sociólogo que estuda comunicação, é um produto da inteligência e das habilidades de comunicação de italianos, itálicos e seres humanos. É o produto mais bem-sucedido daquilo que eu e Piero Trupia chamamos «a escola italiana de comunicação» desde o verão de 1997, quando apresentamos um relatório em Santos no primeiro encontro ítalo-brasileiro sobre a ciência da comunicação (o texto encontra-se reproduzido, em parte, no apêndice à segunda edição de *Svolta comunicativa*).

ITALIANIDADE: O POTENCIAL DE PESQUISA E DESCOBERTA

O que mudou em nosso mundo é obviamente a tecnologia de transportes, comunicações e mídia; e isso com a possibilidade de que as pessoas em trânsito permaneçam conectadas com mais de um lugar do planeta. Mas, do ponto de vista teórico, essas mudanças tecnológicas podem facilitar a expansão das nações e a reprodução da consciência nacional e, com a mesma facilidade, podem favorecer a criação de redes sociais transnacionais ou formas não nacionais de consciência na diáspora. Se as novas tecnologias têm o efeito de reforçar ou enfraquecer as pessoas ou os estados por meio da desterritorialização, o problema não encontra resposta na obra teórica. Somente conheceremos a resposta quando o tempo tiver passado e quando novas diásporas tiverem ocorrido – ou não – como uma alternativa para a consciência nacional ou como uma confirmação dessa consciência (Gabaccia 2005: 167)

A paz é o objetivo da pesquisa filosófica. Mesmo na destruição mais pavorosa, desejaríamos ter a certeza de que algo permanece eterno. Em épocas de ansiedade, refletimos acerca de nossa origem. Quando enfrentamos o problema da morte,

D

A italianidade como recurso cosmopolita

desejamos pensar naquilo que nos faz incorruptíveis. A filosofia é capaz de obter para nós, mesmo hoje, aquilo que Parmênides já havia admitido quando construiu um altar a Deus a fim de agradecer-lhe a paz que a filosofia lhe havia proporcionado. Mas hoje somos, com demasiada freqüência, vítimas de uma falsa paz...

A fé filosófica é inseparável da receptividade incondicional para a comunicação...

A idéia de comunicação é uma fé. Cada um de nós pode se perguntar se aspira à comunicação e acredita nela, não como uma realidade de outro mundo, mas como algo que está realmente presente; acredita-se que existe a possibilidade de que os homens vivam e conversem juntos, para encontrarem juntos o caminho da verdade – de fato, para alcançar o estágio, nessa estrada, de ser verdadeiramente quem são (Jaspers, 2005: 214 et seq.).

A mais rara das ocorrências é encontrar um jovem que tenha sido infundido, por essa educação, do desejo de conhecer tudo a respeito da China, ou dos romanos, ou dos judeus. Ao contrário. Há indiferença em relação a essas coisas, pois o relativismo extinguiu o verdadeiro motivo da educação, a busca de uma boa vida... Não há mais esperança de que haja grandes homens sábios em outros lugares e épocas, capazes de revelar a verdade a respeito da vida. Há apenas a exceção de uns poucos jovens remanescentes que buscam um consertinho rápido com os gurus. Já não há mais o sentido histórico real de um Maquiavel que conseguia extrair umas poucas horas de cada dia de afazeres, nas quais colocava vestimentas palacianas e magnificentes, entrava nas cortes dos anciãos e falava com eles (Bloom, 1987: 34-5).

O que se quer dizer com uma religião estabelecida é um edifício social fundado sobre uma reverência interior coletiva em relação a um objeto que não pode ser esgotado no discurso dialético, que é chamado de diabólico se sua adoração gera ansiedade e raiva, ou de divino se gera a paz profunda e ensina a aceitação e a transformação do sofrimento, e a adaptação a meios harmoniosos.

O mundo moderno tem sua religião, à qual todas as outras religiões são obrigadas a adaptar-se: é a veneração da ciência, objeto de silenciosa deferência.

(...) O homem adora a ciência, mas pode-se dizer que ele vive disso? Será que ele extrai dela alguma nutrição? Será que todo o seu ser é moldado por ela? O homem ainda transita, enquanto está vivo, no mundo de seus antepassados, ele ainda vê das maneiras que tomaram sua forma apropriada na geometria euclidiana e na física clássica, e nessas bases ele constrói uma série de hipóteses que negam e contradizem esses sistemas antigos e, no entanto, ele os aceita sem

discutir... O mesmo acontece na vida civil: o homem deixou de ser honesto de acordo com o costume ou com as leis orais, mas é nessa base natural que foi erigida a sua negação, a Babel da lei moderna; se o último traço da base, uma certa intuição daquilo que é certo e que encontra uma correspondência mínima na lei positiva, acabasse sendo extinto, então nem mesmo a Torre de Babel permaneceria de pé..... (Zolla, 1998: 55 e 66-67)

Em 1967, nós ainda conseguimos celebrar 150 anos da Faculdade de Teologia Católica de maneira magnífica, mas essa também foi a última comemoração acadêmica no velho estilo. O paradigma cultural mudou quase como o brilho de um raio, desde o momento em que os alunos e alguns professores universitários começaram a pensar... Em pouco tempo, quase do dia para a noite, o sistema existencial entrou em colapso e foi substituído pelo esquema marxista...

Poucos anos antes, podíamos esperar que as Faculdades de Teologia constituíssem um baluarte contra a tentação marxista. Hoje, ao invés disso, aconteceu o oposto: elas se tornaram o seu verdadeiro centro ideológico... É um desafio inevitável para os teólogos, quando a ideologia é levada adiante em nome da fé, e a Igreja é utilizada como sua ferramenta...

Estamos vivendo em uma época de grandes perigos e grandes oportunidades para a humanidade e o mundo: uma época de grande responsabilidade para todos nós. Durante o último século, as possibilidades para a humanidade e o domínio do homem sobre a matéria atingiram uma amplitude verdadeiramente impensável. Mas o poder do homem para governar o mundo também resultou em que seu poder para destruir alcançou dimensões por vezes aterradoras...

É verdade que hoje existe um novo moralismo cujas palavras-chave são justiça, paz, conservação do universo: palavras que fazem lembrar os valores morais essenciais de que verdadeiramente precisamos. Mas esse moralismo permanece nebuloso e, portanto, quase inevitavelmente, escorrega para a esfera político-partidária... O moralismo político da década de 1970, cujas raízes não estão mortas... foi um moralismo que tomou o caminho errado porque não teve racionalidade imparcial... mesmo mostrando que podia chegar ao ponto de desconsiderar a humanidade em nome de objetivos grandiosos. O moralismo político, como o vivenciamos no passado e ainda o vivenciamos, não falha simplesmente em abrir a estrada para a regeneração: ele a obstrui...

O cristianismo deve sempre lembrar-se de que é a religião do Logos. Ele é a fé no *Creator Spiritus*, o Espírito Criador, do qual se originam todas as coisas

D

A italianidade como recurso cosmopolita

verdadeiras. Essa, precisamente, deve ser sua força filosófica: a questão é se o mundo se origina do irracional, e a razão não é mais que um subproduto, talvez até mesmo um subproduto prejudicial, da sua evolução, ou se o mundo se origina da razão, que é conseqüentemente o seu critério e o seu objetivo. A fé cristã favorece a segunda tese e, portanto, da perspectiva puramente filosófica, tem algumas cartas muito boas para jogar, mesmo que a primeira tese seja considerada por muitos como a única que é racional e moderna (Ratzinger, 2005: 103-104 e 131-133)

Para nossa atividade de pesquisa

Não tentarei mostrar o potencial de pesquisa e descoberta – para a nossa atividade especulativa de pesquisa e reflexão política – que se pode derivar da introdução dos termos «itálico» e «italianidade» contidos em nosso vocabulário, juntamente com as implicações fenomenológicas, teóricas e empíricas que devem relacionar-se a eles. Isso nos permitirá falar e discutir a respeito de memória e identidade, nacionalismo e cosmopolitismo, a esfera pública e a privada, a paz e a guerra. Farei isso de maneira concisa e alusiva, como um primeiro movimento para iniciar a discussão.

Contra o que é politicamente correto

Cinco citações precedem este parágrafo; a elas, serão acrescentadas muitas outras, extraídas de um estoque muito rico de publicações¹. O cuidadoso alerta metodológico que encerra o excelente ensaio de Donna Gabaccia é seguido de quatro citações de autores muito diferentes: Karl Jaspers, Allan Bloom, Elémire Zolla e Joseph Ratzinger. Todos eles concordam em identificar, no relativismo ideologizado que surgiu nas universidades americanas e europeias por volta de 1968, um dos principais obstáculos à introdução dos procedimentos capazes de investigar a condição humana com alguma esperança de atingir a verdade.

Estamos falando de um relativismo ideologizado que, no início da década de 1990, adquiriu o título, primeiro nos Estados Unidos e depois em outros lugares, inclusive na Itália, de correção política: “uma estranha ideologia radical que deprecia os Estados Unidos e o Ocidente como irremediavelmente opressivos e que enfoca os preconceitos reacionários da cultura ocidental”, como diz Paul Berman. “A nova ideologia,” continua Berman,

tende para o niilismo, apagando toda distinção entre a verdade e a falsidade, e entre a qualidade e a falta de qualidade na arte. Orientados por essas idéias, os professores pós-modernos puseram-se a solapar o estudo

1. As que seguem aqui e complementam o material de meu livro, citado anteriormente, *Il Silenzio e il Rumore* e no artigo citado na nota número 1, podem ser encontradas em um novo texto que está para ser publicado nos documentos da Convenção Florentina promovida pelo Conselho Regional da Toscana e a Faculdade de Ciências Políticas *Cesare Alfier: La nuova missione della civiltà occidentale* (Florença, 28-29/11/2005).

tradicional de literatura e das humanidades... Eles atijam as chamas do descontentamento étnico e sexual entre os alunos (Berman 1992: 2).

Redescobindo a civilidade do comentário

A primeira coisa importante que me veio à mente quando eu comecei a pensar em utilizar os termos «itálico» e «italianidade» nos sentidos explicados acima, foi que, por meio desses mesmos termos, fomos capazes de descobrir um modo de tentar ultrapassar os perigosos conflitos que surgiram na década de 1960 entre as tradições humanistas, clássicas e transcendentais (que Elémire Zolla [1988] fez remontar à civilidade do comentário) e as novas tradições pós-modernistas e niilistas da correção política (que Zolla faz remontar à civilidade da crítica).

Esses conflitos não cessaram de produzir efeitos perversos nos últimos anos; eles assumiram uma forma extremada nas universidades e migraram para o debate público por meio de jornais, discursos político-partidários e propaganda eleitoral – a ponto de criar, tanto na Europa como na América, um tipo de choque ideológico sem precedentes (encoberto por um cenário generalizado de fim da ideologia que se espalhou por meio do discurso liberal e tornou-se dominante na mídia). Um choque ideológico que vê em oposição, por um lado, o discurso técnico e científico (passado adiante como senso comum ou, pior, como bom senso) e, por outro lado, o discurso humanista de natureza filosófica e religiosa (passado adiante como retrógrado, tradicionalista ou neofundamentalista).

Temos aqui um choque ideológico que corre o risco de tornar-se uma guerra religiosa ou um «choque de civilizações» no cerne da civilização ocidental, que se esqueceu de suas próprias raízes e das profundas assonâncias com as culturas Orientais que podem ser encontradas. Tais assonâncias se manifestam não apenas nas origens humanas, naturais e divinas compartilhadas, mas também nas filosofias antigas que foram elaboradas, no Ocidente e no Oriente, entre os séculos VIII e V A.C., ou naquela *koine* greco-romana, ou na comunidade cultural que estava tão profundamente embebida da influência oriental – como se pode ler nas entrelinhas de dois importantes livros, entre outros, escritos por Pierre Hadot (2005) e Sun-Tzu (1993). Ou como se pode encontrar nas origens comuns das três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) e suas conexões com as religiões asiáticas da Pérsia e da Índia, da China, da Coreia e do Japão (essas conexões receberam considerável atenção de Elémire Zolla por meio de vários estudos realizados na segunda e extremamente produtiva parte de sua vida; por exemplo, pode-se ler seu *Aure*, de 1995, e *Verità segrete esposte in evidenza*, de 2004).

D

A italianidade como recurso cosmopolita

Desmascarando as verdades impostas pelos conquistadores

Como podemos ter um diálogo, uma discussão? Como podemos vencer conflitos tão perigosos? Acima de tudo, tentando ultrapassar o empirismo sem inspiração da matriz positivista, na qual a assim chamada sociedade da informação, filha disfarçada da ideologia técnico-científica, prendeu-nos, como em uma armadilha – como bem podemos inferir da citação de Gabaccia, que rejeita o determinismo tecnológico que aprisiona muitos acadêmicos e profissionais da comunicação. Se realmente temos de estabelecer, como está fazendo nosso grupo de trabalho, se os termos «itálico» e «italianidade» têm alguma referência empírica na realidade das coisas e se eles têm alguma base na história de longo prazo, é necessário ir além das aparências superficiais – além da visibilidade a respeito da qual falou Thompson em seu relatório para nosso encontro e além das categorias prescritas propostas pelos historiadores e outros cientistas sociais.

Um exemplo pertinente de uma interrogação tão mais profunda da natureza das coisas emerge exatamente desse texto de Gabaccia que eu citei acima: ao rejeitar o uso do termo «italianos» para descrever os emigrantes que deixaram a Itália, ele lembra uma expressão que desponta freqüentemente nas histórias desses emigrantes quando eles se referem ao seu mundo de origem: país. E eles freqüentemente acrescentam: «O mundo todo é um país». Essa é uma expressão que não pode ser entendida literalmente: ela remonta a uma idéia de terra-mãe que é diferente do artefato construído pelos ideólogos do Estado nacional da Itália após a unificação política italiana. Da mesma maneira, ela é diferente da idéia (outro artefato) construída para nossa época por teóricos do pós-modernismo que proclamam como um fato o fim dos estados-nações e a emergência irresistível de um novo cosmopolitismo. Mais parece que a expressão «o mundo todo é um país» deve ser entendida como uma alusão meio involuntária às raízes antigas de uma idéia, que já prevaleceu no mundo, da origem comum, divina e natural, da espécie humana: uma origem comum que precede as avaliações históricas atuais inspiradas pelas guerras e conquistas, pela história da humanidade e pela historiografia nacional (mais ou menos ideológica) e que, por assim dizer, coloca-se acima delas. Ou, em outras palavras, uma origem comum que precede as avaliações históricas atuais sugeridas pelas verdades impostas pelos conquistadores.

Esta última referência aos conquistadores permite-me apresentar um segundo exemplo de uma maneira de se observar o mundo diferente daquela que a adoção dos termos «itálico» e «italianidade» é capaz de inspirar. Esse modo de observar o mundo tem algo a ver com as questões relacionadas à identidade e à memória. Também tem a ver com as vantagens que a invenção de um novo vocabulário pode trazer à nossa capacidade de pesquisar e construir teorias.

Mesmo que esse novo vocabulário possa, à primeira vista, parecer-nos artificial ou banal, observamos aos poucos que ele nos capacita a ter um vislumbre das coisas e das conexões entre as coisas de um novo modo, um modo mais relevante ao propósito de descobrirmos a verdade delas.

Isso pode ocorrer com a redescoberta abusiva da palavra e do conceito de civilização (tanto no singular como no plural). A palavra civilização, de fato, é muito mais carregada de significado do que cultura, que está morrendo por um uso descuidado.

Nunca é demais refletirmos sobre o fato de que, em nosso trabalho como pesquisadores e teorizadores (sejam historiadores, sociólogos, antropólogos ou qualquer outra coisa), freqüentemente percebemos que estamos enredados no vocabulário, nas narrações ou nas imagens que encontramos. Estes são quase sempre uma ramificação da lógica ou do poder dos conquistadores. E os conquistadores não são meramente aqueles que detêm o poder bruto. Eles também são, com freqüência, de um modo mais sutil e mais oculto (como bem ilustra o exemplo da correção política mencionado acima), aqueles que detêm o poder suave. Muito já se disse e já se escreveu a esse respeito nos últimos anos como um modo politicamente correto de se impor a vontade de alguém à dos outros (aplicando-se um novo nome a um conceito que alguns de nós aprendemos a chamar de hegemonia, orientados pelas obras ainda lembradas de Antonio Gramsci que lemos na juventude).

Há, de fato, na vida real – e sempre houve – identidades e lembranças coletivas que são modeladas e transmitidas dentro de, por assim dizer, uma esfera privada. Elas são moduladas pelo vocabulário, pelas atitudes e pelo comportamento, que são relativamente protegidos e relativamente intraduzíveis fora de nossas famílias e das comunidades onde essas identidades e lembranças foram construídas, vivenciadas e transmitidas através de vínculos intergeracionais. As formas de comunicação nas quais essas identidades e lembranças são construídas, vivenciadas e transmitidas são difíceis de se transferir fora desses vínculos. Por causa da restrição social ou, para melhor dizer, da correção política, elas permanecem ocultas aos olhos e aos ouvidos do pesquisador intelectual. Precisamos não apenas pensar no enorme protesto causado pelas dissonâncias expostas em uma infinidade de micropesquisas empíricas realizadas pelos etnólogos e antropólogos que estudaram as assim chamadas culturas simples ou primitivas (as “dissonâncias” às quais Allan Bloom se refere na longa citação que eu incluí no início desta seção).

Ao utilizar termos como «italico» e «italianidade», o pesquisador se dispõe a aprofundar ainda mais suas pesquisas a fim de atingir essas assonâncias (caso estejam presentes), a respeito das quais com muita freqüência reina o silêncio; esse silêncio me parece ser mais o produto de uma teoria preestabelecida do que

D

A italianidade como recurso cosmopolita

o resultado de uma boa vontade solidária ou de uma imaginação sociológica, filosófica ou historicamente discernente.

Aprendendo a ler a civilização itálica em toda a sua existência

Para finalizar, duas considerações. Acima de tudo, falar em «itálico» e «italianidade» pode servir para enfatizar melhor aquilo que caracterizou e que caracteriza a civilização itálica em toda a sua existência, ultrapassando assim dois obstáculos à pesquisa.

O primeiro obstáculo é o paradigma do estado-nação, que dominou o século XIX. Isso produziu, como reações opostas, tanto os mitos nacionalistas da Grande Itália e do fascismo no poder (que foram amplamente documentados em uma vasta gama de publicações) e os mitos miserandos de uma Pequena Itália desprovida de amplitude cultural e grandeza, que enviou seus filhos à derrota certa (como demonstra o extraordinário sucesso dos livros e peças de Antonio Stella, da *L'Orda* em diante).

O segundo obstáculo é o novo paradigma multicultural que tem prevalecido nos últimos anos: diluindo as especificidades – se humanas em geral, ou históricas e culturais – em um vago novo cosmopolitismo que pretende ser o fruto da globalização e da sociedade da informação.

Em segundo lugar, falar em «itálico» e «italianidade» pode exemplificar uma modalidade de abordagem à nossa globalidade atual. Isso pode servir para enfatizar que toda grande civilização humana (por grande entenda-se uma civilização que teve e ainda tem a capacidade de instituir traços comuns – assonâncias – entre um grande número de seres humanos por um período longo e em um espaço amplo), foi, e ainda é, estabelecida por meio de uma complexa rede de relacionamentos que permeiam a natureza humana e as muitas instituições e configurações sociais que a humanidade tende incessantemente a criar e recriar, construindo assim sua existência histórica. Essa rede deve ser percebida e analisada em sua realidade efetiva e em suas raízes profundas.

Isso significa que, se quisermos construir um mundo melhor e mais pacífico, devemos evitar permanecer na superfície das coisas, na restrita dimensão visual de um multiculturalismo falso que é construído mais a partir da Nova Ignorância que está avançando em nossas escolas, universidades e mídia, e não a partir da vida real.

Isso significa que devemos tomar nota da realidade persistente e macroscópica dos estados-nações – que nunca foram mais numerosos ou mais corajosos – formados por tantos grupos étnicos e nacionalidades que continuam a se ver como exclusivos e que vivenciam a globalização menos como uma oportunidade e mais como uma forma disfarçada de neocolonialismo. As civilizações – assim

como a itálica – são e podem ser associações intermediárias, comunidades transnacionais, capazes de apoiar um nível aceitável de coexistência pacífica em um mundo que deveria ver a si mesmo como multifacetado.

Finalmente, isso significa que é necessário trabalhar muito os conteúdos da comunicação que circula no mundo, de modo a construir uma forma internacional e intercultural de comunicação que seja menos estereotipada, menos ideologizada, menos simplista. Caso contrário, a comunicação estereotipada e clandestinamente ideologizada que a nova e a antiga mídia, tecnologicamente sofisticadas, põem em circulação, e a correção política e a nova ignorância que delas emana, estrangularão, no nascimento, qualquer esforço que a «vontade cultural» esteja fazendo para construir e manter a paz que pode ser atingida.

REFERÊNCIAS

- BASSETTI, P. (2005). *Italici: chi e perché*. NIP – News Italia Press, nº 175, XII, 9 de setembro.
- _____. (2001). *Globali e locali! Timori e speranze della seconda modernità*. Lugano: Casagrande.
- BASSETTI, P. & JANNI, P. (eds.) (2004). *Italy Identity in Pluralistic Contexts*. Washington: The Council in Values and Philosophy, C.U.A.
- BECELLONI, G. (2004). *Il Silenzio e il Rumore*. Roma-Florença: Mediascape.
- _____. (2003a). *Diventare italiani*. Nápoles: Ipermedium.
- _____. (2003b). *Diventare cittadini del mondo*. Roma-Florença: Mediascape.
- _____. (2003c). *Equivoci giochi*. Roma-Florença: Mediascape.
- _____. (2002). *Svolta comunicativa*. Nápoles: Ipermedium.
- BERMAN, P. (ed.) (1992). *Debating P.C. The Controversy over Political Correctness on College Campuses*. Nova York: Laurel.
- BLOOM, A. (1988). *La chiusura della mente Americana*. Milão: Frassinelli.
- CRIFÒ, G. (2005). *Civis. La cittadinanza tra antico e moderno*. Bari-Roma: Laterza.
- DA MATTA, R. (1985). *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense.
- FERNANDEZ, D. (1991). *L'école du sud*. Paris: Grasset.
- FRANZINA, E. (1995). *Gli italiani al nuovo mondo*. Milão: Mondadori.
- FREYRE, G. (2001). *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GABACCIA, D.R. (2005). *Diaspore, discipline e migrazioni*. TIRABASSI 2005/11/23.
- _____. (2003). *Emigranti. Le diaspore degli italiani dal Medioevo a oggi*. Turim: Einaudi.
- _____. (1997). Per una storia italiana dell'emigrazione. In *Altre Italie*, nº 16, julho-dezembro.
- GIRARD, R. (2003). *Origine della cultura e fine della storia*. Milão: Cortina.
- HADOT, P. (2005). *Esercizi spirituali e filosofia antica*. Turim: Einaudi.

D

A italianidade como recurso cosmopolita

- INCISA DI CAMERANA, L. (2003). *Il grande esodo. Storia delle migrazioni italiane nel mondo*. Milão: Corbaccio.
- JASPERS, K. (2005). *La fede filosófica*. Milão: Cortina.
- MAGLI, J. (2005). *Omaggio agli italiani. Una storia per tradimenti*. Milão: BUR, Rizzoli.
- NOLTE, E. (2003). *Esistenza storica. Tra inizio e fine della storia*. Florença: Le Lettere.
- PREZZOLINI, G. (2003). *L'Italia finisce, ecco quello che resta*. Milão: BUR, Rizzoli.
- RATZINGER, J. (2005). *La mia vita*. Milão: São Paulo.
- RIBEIRO, D. (2004). *O povo brasileiro. A formação e o sentido do povo do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROMARO, F. (2005). *Relazioni internazionali e storia transnazionale*. In TIRABASSI 2005.
- RUFFOLO, G. (2004). *Quando l'Italia era una superpotenza*. Turim: Einaudi.
- SUN-TZU (1993). *The Art of War*. Nova York: Ballantine.
- TIRABASSI, M. (2005) (ed.). *Itinera. Paradigmi delle migrazioni italiane*, Turim: Fondazione Giovanni Agnelli.
- TODOROV, T. (1992). *La conquista dell'America. Il problema dell' "altro"*. Turim: Einaudi.
- ZOLLA, E. (2004). *Verità segrete esposte in evidenza*. Veneza: Marsilio.
- _____ (1998). *Che cos'è la tradizione*. Turim: ADELPHA.
- _____ (1995). *Aure*. Veneza: Marsilio.

